

SIMPÓSIO AT077

ANALISANDO O COMPORTAMENTO SINTÁTICO E DISCURSIVO DA FUNÇÃO SUJEITO NO GÊNERO OUTDOOR

CABOCLO, Joaquim Gomes
Universidade Estadual da Paraíba
Joaquim.gomes147@gmail.com

RAMOS, Marta Anaísa Bezerra
Universidade Estadual da Paraíba
martaanaisa@gmail.com

Resumo: Nesse trabalho, analisamos o comportamento da categoria sintática “sujeito” em frases presentes no gênero outdoor, objetivando refletir sobre as escolhas linguísticas dos falantes/escritores ao elaborarem os textos bem como os efeitos resultantes dessas escolhas, pressupondo que há uma relação entre gramática e discurso, refletida no texto. Para esse estudo, fizemos o levantamento, em algumas gramáticas tradicionais, dos critérios usados para a caracterização do sujeito. Fundamentamos a análise na abordagem de autores como Pontes (1986), Bechara (2009), Azeredo (2014), entre outros. Comungamos com Irandé (2003) da ideia de que mais importante que classificar o sujeito da oração é saber quais efeitos práticos se conseguem com o uso de um determinado tipo de “sujeito”. Percebemos uma tendência, no gênero sob investigação, do sujeito “elíptico”, sendo redundante sua explicitação, já que era possível depreendê-lo seja no cotexto ou na situação discursiva. Assim, consideramos reducionista uma abordagem baseada puramente no critério sintático, defendendo que o estudo dos fenômenos linguísticos não pode desconsiderar a organização linguística como uma rede de significados.

Palavras-chave: sujeito; elipse; discurso.

Abstract: In this work, we analyze the behavior's syntactic category "subject" in present phrases in outdoors, aiming to reflect our language choices from speakers/writers when elaborating the texts, as well the resulting effects about those choices, presupposing there is a relation between grammar and speech, reflected on text. For this study, we did the survey in basis of some traditional grammar about an used criteria for the subject's characterization. We base an analysis on the approach of authors, such as Pontes (1986), Bechara (2012), Azeredo (2014), among others. We associate with Irandé (2010) the idea that it is, more important than classifying the sentence's subject, is to know which practical effects can be obtained using a determined "subject". We noticed a trend, in the genre under investigation, of the "elliptical" subject, being

redundant its explanation, since it was possible to deduce, either in the context or in the discursive situation. Thus, considering reductionist a approach purely based on syntactic criteria, arguing that the study of phenomena linguistic can not disregard the linguistic organization as a network of meanings.

Keywords: subject; elliptical; speech.

INTRODUÇÃO

Pressupondo que o domínio das regras gramaticais é necessário para escrever bem, a gramática tem sido o objeto central nas aulas de Língua Portuguesa. No entanto, quando a escola enfatiza o ensino de língua através de exercícios descontextualizados, acaba não contemplando aspectos discursivos que contribuiriam de forma satisfatória para o ensino de linguagens.

Evidentemente, perde-se muito tempo nas escolas na prática de identificação e classificação de algum tópico gramatical, sem ter um objetivo claro para o ensino e qual a contribuição desse tópico para a construção do sentido em determinado gênero de texto. Desse modo, adverte Antunes (2003 p. 87): “Adianta pouco saber que o “sujeito” de determinada frase é indeterminado, por exemplo. O que adianta mesmo é saber que efeitos práticos se conseguem com o uso de um determinado tipo de sujeito”.

Por isso, a análise linguística como objeto de ensino vem recebendo destaque por parte de pesquisadores e professores de Língua Portuguesa, sobretudo após a promulgação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, que concebendo a linguagem como atividade discursiva, e o texto como unidade de ensino, entendem que “as atividades curriculares em Língua Portuguesa correspondem, principalmente, a atividades discursivas”. (BRASIL, 1998, p.27). Apesar da repercussão dessa diretriz, o ensino de gramática ainda é fortemente marcado por uma perspectiva prescritivista. Nesse cenário, compreendemos que o estudo da língua em uso, a partir de textos reais, pode contribuir significativamente para o ensino de análise linguística.

. Em relação à função sintática sob análise, centramo-nos nas orações em que o sujeito é classificado como “oculto” ou “elíptico”, tendo como *corpus* estruturas oracionais presentes em outdoors, uma vez que nesse suporte

houve recorrência dessa categoria. Acreditamos que, por circular no âmbito social em variados lugares da cidade, seria interessante também abordar os textos presentes no outdoor em sala de aula. Os textos que formam os outdoors são curtos e objetivos, unem a linguagem verbal e não verbal, sendo lidos facilmente pelo público em geral, além de as imagens/ fotografias influenciarem significativamente na construção de sentido do texto.

Na perspectiva da tradição gramatical, o sujeito é definido, conforme Cunha & Cintra (1985), como “o termo sobre o qual se faz uma declaração”. Dessa forma, objetivamos refletir sobre a abordagem desse tópico gramatical e suas respectivas classificações, buscando mostrar a funcionalidade dessa função sintática e os efeitos de sentido resultantes da escolha do termo que ocupa esse lugar na oração, na tentativa de ampliar a análise para além do nível sintático.

1. A NOÇÃO DE SUJEITO

É comum pesquisadores e linguistas apontarem falhas e contradições em relação a algumas definições encontradas em gramáticas normativas e, conseqüentemente, reproduzidas nos materiais didáticos e aulas de Língua Portuguesa – e o conceito de “sujeito” não escapa a essa observação. Para situar a abordagem do tema, apresentamos, inicialmente, um quadro com as definições de sujeito propostas por algumas gramáticas.

Quadro 1: Definições da função sintática sujeito em gramáticas.

Autor/ano	Definição
Cunha & Cintra - 1985	“Sujeito é o termo sobre o qual se faz uma declaração.” (p.137)
Almeida – 1989	“Sujeito é o ser que pratica a ação, ou seja, é o agente da ação verbal.” (p. 165)
Bechara – 1999	Chama-se sujeito à unidade ou sintagma nominal que estabelece uma relação predicativa com o núcleo verbal para contruir uma oração. É na realidade uma <i>explicitação léxica</i> do sujeito gramatical que o núcleo verbal da oração normalmente inclui como morfema número-pessoal. (p. 409)
Perini - 2001	“Sujeito é o termo da oração que está em relação de concordância com o Ndp.” (p. 77)

Ferreira - 2009	“Sujeito é o termo da oração que designa o ser a respeito do qual se declara alguma coisa; é também o elemento com o qual o verbo estabelece concordância.” (p.331)
-----------------	---

Essas definições não são absolutas, pois, com exceção da última, cada uma delas focaliza um único critério de classificação, – o formal (de concordância), na definição de Perini, e o pragmático (de tópico), nas dos outros autores. O próprio Perini faz a ressalva de que a definição por ele apresentada não teria aplicabilidade a um exemplo em que o sujeito não vem explicitado lexicalmente, já que não teria um termo com o qual concordar. Assim, no período simples: (1) “Acertamos em todos os pontos” (Veja 20/09/17), teríamos de classificar a oração como “sem sujeito”, já que não há um termo em relação de concordância com o verbo. Na realidade, esse é um caso em que o sujeito, como argumenta Bechara (1999), vem marcado apenas gramaticalmente, considerando que o sujeito está marcado na desinência do verbo. A solução encontrada nas gramáticas tradicionais para essa situação é atribuir a classificação de sujeito "oculto", se for possível depreender o referente no texto; ou "indeterminado", caso não se possa atribuir a responsabilidade da ação a alguém.

E como justificar a identificação dos sujeitos em (2) e (3), a seguir, que correspondem respectivamente à oração que inicia um fragmento de notícia, e a oração que compõe um artigo de opinião.

(2) “O que querem os 115 deputados federais eleitos pela primeira vez a um cargo público?Veja levantou cerca de 250 projetos de lei apresentados por eles nos primeiros sessenta dias de mandato e constatou que segurança (35%), economia (23%) e comportamento (15%) dominam a pauta”[...] (Veja, 10/04/19)

(3) [...] Pois bem: as crianças, os pais conseguem segurar sob suas vistas. Mas crianças crescem, chegam à adolescência, e é aí que mora o perigo. [...] Por isso, não devemos deixar aos cuidados das travas das portas dos carros e das grades em janelas a segurança dos nossos filhos: mesmo com elas, precisamos ensinar-lhes que abrir a porta do carro em movimento ou pular de uma janela pode provocar um grave acidente. (Veja, 20/06/18)

Em (2), o sujeito está posposto, contrariando a noção de tópico, justamente porque, no texto, o que está em evidência, ou o que está causando preocupação ao eleitor é “o que vai chamar a atenção dos candidatos”. E em (3), temos uma situação em que, na estrutura oracional, há um sujeito gramatical ou sintático – “os pais”, que não é o tópico, e um tópico discursivo – “as crianças”, na realidade, um objeto direto deslocado para a posição normalmente preenchida pelo sujeito, ou seja, temos a topicalização do objeto.

Podemos observar que, seguindo as definições acima expostas, o aluno teria dúvida na identificação do sujeito em (2) e provavelmente entenderia como sujeito o termo “crianças” em (3). A confusão ocorre porque no português pode haver coincidência de sujeito e tópico, ou não, como demonstra (3). Mas, geralmente, o aluno não é alertado para essa distinção e confunde o sujeito gramatical com o tópico da sentença. Para explicar esse fenômeno, Pontes (1986, p. 177) esclarece que: “O sujeito seria o termo sintático que indica o tópico do enunciado. O enunciado é que se constitui em tópico e comentário”.

Particularmente quanto ao sujeito elíptico, ou oculto, sabemos que a estrutura da oração é constituída de sujeito e predicado. No entanto, como já demonstrado, é comum nos depararmos com sentenças nas quais o lugar sintático do sujeito está vazio. Esse não preenchimento se deve à elipse do sujeito, cuja existência sintática continua marcada pela flexão verbal, razão pela qual, segundo Bechara (2009), não se pode falar a rigor em elipse do sujeito, pois sujeito é uma categoria gramatical, o que justifica a definição formal de Perini, enquanto elipse é um fenômeno textual. Nessa perspectiva, o autor destaca: “Chama-se de elipse a omissão de um termo facilmente subentendido por faltar onde normalmente aparece, ou por ter sido anteriormente enunciado ou sugerido, ou ainda por ser depreendido pela situação, ou contexto.” (BECHARA, op. cit, p.592).

2. O SUJEITO ELÍPTICO NAS FRASES DE OUTDOOR

Para explicar o “ocultamento” do sujeito nos textos de outdoor, consideremos as figuras (1), (2), (3) e (4) a seguir:

Imagem 1:



Imagem 2:



Imagem 3:



Imagem 4:



Link imagem 1: <http://www.ligadonosul.com.br/homem-busca-a-sua-alma-gemea>

Link imagem 2: <http://www.elirferrari.pro.br/lingoutdoor.php>

Link imagem 3: <https://cargocollective.com/cocuroci/Outdoor-chafariz>

Link imagem 4: <http://www.spider.com.br/paineis-eletronicos/painel-eletronico-propaganda.php>

Observando as frases (1) e (2):

(1) Procuo minha alma gêmea!

Mulheres entre 18 a 35 anos interessadas em um relacionamento sério.

(2) Estamos pedindo pra você: é hora de poupar energia.

Light.

verificamos que as formas verbais “procurar” e “estamos pedindo” atribuem o papel temático de agente ao sujeito. Se os sujeitos “eu” e “nós” viessem expressos, teríamos a redundância do sujeito, uma vez que apenas repetiriam a informação fornecida no sufixo. No caso dos textos sob análise, não se faz necessária a explicitação do sujeito, uma vez que, em (1), a imagem apresentada – de um homem – remete à pessoa que está em busca de um relacionamento, e o texto complementar também ajuda nesse sentido. Em (2), a referência à “Light” é um indicador de quem está representado no verbo “estamos”. O preenchimento do lugar do sujeito depende de certas condições que estão relacionadas à função comunicativa. Como diz Bechara (1999, p.409), a expansão ou não do sujeito “não está mais na exigência da gramática

(quando há, é clara, relação precicativa referida), mas do texto, para a transmissão efetiva e clara da mensagem”. Outro fator que justifica o não preenchimento desses lugares nos textos citados é apresentado no argumento de Azeredo (2014, p. 72): “O contexto global da fala dos interlocutores e a situação em que estes se acham fornecem pistas para o preenchimento dos vazios próprios dos enunciados”. Em relação aos enunciados:

(3) Economize antes que a fonte seque.

(4) Aproveite nossas ofertas- relógios Festino

notamos que os verbos estão no imperativo, quando isso ocorre, comumente, o sujeito é elidido, porque essa função sintática do modo imperativo se refere ao ouvinte. Desse modo, o agente dos verbos “economize” e “Aproveite” é o interlocutor, representado pelo pronome você. Assim, o texto (3) procura persuadir o seu interlocutor através de uma campanha de conscientização (economia de água), para isso, ele é constituído de uma linguagem que aproxima o emissor do receptor. O texto (4) é constituído por uma linguagem mista (verbal e não verbal) para chamar a atenção do seu interlocutor e, conseqüentemente, vender o produto anunciado - o relógio. Além disso, é importante mencionar que o recurso de ocultar o sujeito da oração está ligado a uma questão de economia linguística. Sobre isso, Azeredo (2014, p.224) esclarece que a omissão de um constituinte da frase é um fato gramatical que tem relação como o “princípio geral da economia linguística, segundo o qual cada unidade de informação requer apenas uma unidade de expressão, e a informação previsível sequer necessita de algum material linguístico que a expresse”.

Considerando que a orientação para um ensino reflexivo é a de que se contemplem os aspectos pragmáticos e discursivos que marcam linguisticamente os enunciados, a análise linguística de um texto deve ultrapassar o nível sintático, por isso é importante conciliar a análise, os aspectos formais, semânticos e discursivos. Souza (2006, p. 58) ressalta que “As escolhas linguísticas realizadas por um usuário para fazer referência a algo

do mundo ou para focalizar um aspecto qualquer, embora limitadas, revelam significações que podem estar encapsuladas na própria construção sintática”.

CONCLUSÃO

Depreendemos, do estudo realizado, que os autores normalmente utilizam um só critério de definição do sujeito, não havendo uma homoneidade - ora é sintático, ora o pragmático ou o semântico. Logo, da perspectiva de um ensino sob um viés reflexivo, é necessário que professor amplie essa visão, considerando os aspectos semântico-discursivos envolvidos nas escolhas linguísticas. Só a partir do estudo do funcionamento dos constituintes dentro do texto é possível indicar as motivações da explicitação ou não do sujeito, o que tem relação direta com as intenções comunicativas e o gênero de texto.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. 36 ed., São Paulo: Saraiva, 1989.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houais da Língua Portuguesa/ José Carlos de Azeredo**. – São Paulo: Publifolha, 2014.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 38ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

CUNHA & CINTRA: **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1985.

FERREIRA, Mauro. **Aprender e praticar gramática**. São Paulo: Ftd, 2009.

PONTES, Eunice Souza Lima. **Sujeito: da sintaxe ao discurso/ Eunice Souza Lima Pontes**. – São Paulo: Ática; (Brasília) INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1986.